

Resenha

Walter Brogan (2005). *Heidegger and Aristotle: The Twofoldness of Being*. Albany: Published by State University of New York.

MARIO FLEIG

Doutor em Filosofia, Professor do PPG-Filosofia da UNISINOS
E-mail: mfleig@unisinos.br

CRISTÓVÃO ATÍLIO VIERO

Bolsista de Iniciação Científica – UNIBIC; Graduando em Filosofia pela UNISINOS; Bacharel em Direito pela UNISINOS.
E-mail: cristovaoav@hotmail.com

A obra do autor estadunidense Walter Brogan é uma relevante contribuição para o estudo, interpretação e difusão da leitura que Heidegger propõe de textos fundamentais de Aristóteles, da qual participaram alunos seus, como Leo Strauss, Hans-Georg Gadamer e Hannah Arendt, no início dos anos 20. A época anterior à publicação de *Ser e tempo*, e na qual se gestou sua obra capital, é um período

de grande importância para a gênese do pensamento do filósofo alemão, e tem uma relevante influência composicional para a sua compreensão da fenomenologia. Nesse caminho, o autor do livro em estudo pretende não só demonstrar o impacto de Aristóteles no desenvolvimento e formação do pensamento de Heidegger como, mais do que isso, mostrar também o que nós podemos aprender sobre o Aristóteles das leituras de Heidegger.

Em contato com o teor revolucionário dessas interpretações heideggerianas sobre o *corpus* aristotélico (com ênfase na Física, Metafísica, Ética e Retórica), a obra dirige-se a estudiosos de Heidegger e de Aristóteles, com uma cuidadosa e detalhada análise de muitos dos mais importantes trabalhos de Heidegger sobre Aristóteles, visando mostrar a sua validade por meio da estratégia de sujeitar a um rigoroso exame as interpretações de Heidegger sobre específicos conceitos aristotélicos, e de como eles surgem no

contexto das suas traduções de passagens de Aristóteles, impondo-lhes um teste mais amplo. Esse trabalho é feito pelo autor em termos de confrontação da interpretação heideggeriana com passagens de textos de Aristóteles. É nesse horizonte que o livro oferece um estudo dos textos centrais, nos quais Heidegger apresenta seu retorno ao pensamento originário de Aristóteles, e salienta a proposta do filósofo alemão sobre a necessidade da deslatinização dos conceitos da filosofia aristotélica por meio da Destruição da história da metafísica. O objetivo dessa proposta é livrar Aristóteles das interpretações romana e cristã, e assim viabilizar uma volta à radical, originária e não metafísica dimensão da sua filosofia:

Destruição é o autêntico caminho no qual o *presente* deve ser encontrado em seus movimentos básicos, e encontrado de tal forma que por isso a *ständige Frage*, o questionar persistente, emerge da história, na medida em que o presente está preocupado com a apropriação e interpretação da possibilidade de uma experiência radical e fundamental. (p. 11)

O foco temático principal da explanação de Brogan está direcio-

nado para o fato de que as leituras de Heidegger sobre Aristóteles são orientadas pela tese segundo a qual este último pensou o ser como *twofold* (“duplo”). Dentro desta descoberta, situa-se o que lhe que permite tomar o sentido do movimento (*kinésis*) como central para o pensamento e compreensão do sentido de ser em Aristóteles. O movimento (*kinésis*) é o tópico central que guia a interpretação de Heidegger e, segundo ele, é a principal questão da filosofia aristotélica: o problema do movimento e a questão do caráter ontológico dos entes que se movem. Enfim, o caráter ontológico do movimento (*kinésis*) constitui o que Brogan denomina de ontologia kinética.

O livro está organizado em cinco capítulos. No primeiro, Brogan tenta defender a posição de que para Aristóteles a metafísica é tanto física como a física é metafísica. Expondo uma apresentação do texto de 1922 sobre “as interpretações fenomenológicas sobre Aristóteles” (Informe Natorp), busca informar a estratégia que Heidegger emprega na leitura de Aristóteles, e o *insight* que governa suas interpretações. O *insight* é que Aristóteles descobre a dupla *arché* do ser, e que o primordial sentido de ser em Aristóteles é a produção, o ser produzido. As estruturas ontológicas descritas por Aristóteles emergem a partir

da forma primordial de dispormos dos entes em geral. Mas, lembra Brogan, Heidegger não está dizendo que Aristóteles compreende tudo, inclusive o existente humano, em um modelo desenhado pela *techné*, e sim que os entes da técnica, os entes naturais e o existente humano são produzidos diferentemente, mas todos interpretados como formas de ser produzido. Quando se trata de tornar explícito o caráter ontológico da estrutura dos entes, o campo de investigação de Aristóteles não é o da *techné*, mas o da *physis*, aquilo que emerge e produz por si mesmo. Assim, o “texto básico para uma investigação ontológica dos entes produzidos é a Física” (p. 15). Heidegger faz isso para mostrar que Aristóteles preserva, mesmo em face de seu mestre Platão, um eco do pensamento grego originário.

Em seguida, no segundo capítulo, investiga a dupla visão de Natureza em Aristóteles, buscando confirmar a tese heideggeriana de que o projeto da filosofia aristotélica é o estudo do ser da *kinésis* (movimento). Mostra-se a afinidade existente do tratamento que o filósofo grego faz da *physis* em relação ao sentido predecessor de *physis* (remetendo à palavra original para o sentido do ser em geral). A *physis* tem um sentido composto, duplo, e é o nome para o duplo movimento do ser (*génésis*

e *stéresis*). O autor expõe a questão heideggeriana de modo a mostrar que a concepção aristotélica de natureza trabalha a *physis* atendendo a uma concepção fundamental de natureza, diferente daquela de ser ela apenas o continente ao longo do qual os entes estariam dispostos. Há um originário sentido de *physis* como um dicotômico significado do ser em geral. E, quando este duplo sentido permanece inquestionado, a separação entre ser e ente se torna proeminente, resultando em uma divisão da filosofia em ontologias regionais. Uma crítica à visão ocidental de natureza impõe-se aqui. Aquilo que sustenta essa oposição e a mantém unida é o que permanece inquestionado. A visão de Aristóteles, segundo Heidegger, é a visão do caráter dúplice e ambivalente da *physis*, sem negar a unidade que caracteriza o ser. O que, segundo Brogan, Heidegger quer evidenciar na sua leitura, é a *inseparabilidade da questão do ser e da questão da natureza no pensamento de Aristóteles*. Torna-se indispensável, para Heidegger, que se faça levantar, na forma de esclarecer esta afirmação, um novo questionamento sobre a relação entre *physis* e *techné* na filosofia de Aristóteles.

Conforme Brogan, seguindo a leitura heideggeriana, “*Physis* é uma *aition*” (p. 33). *Physis* é entendida como a causa dos seres naturais. Nessa

forma inicial, é posta em questão as formas de ser dos entes produzidos pela técnica e dos entes naturais (*sumes-toia*), na sua complexa relação.

Separar as duas regiões de entes (os naturais e os artificiais) remete às duas diferentes formas nas quais os entes pertencem ao ser. Em ambos os casos, o movimento de ser produzido ou emergir ao ser caracteriza a forma de ser. Mas, em cada caso, o movimento de produção é diferente. Pôr essa diferença serve para articular a forma na qual *kinésis* é o ser dos entes naturais e saber como é que os entes naturais são revelados. O objetivo é clarear esse horizonte de diferença pela discussão do modo de ser da técnica. Entender como os entes são revelados de diferentes maneiras nos ajuda a esclarecer o horizonte para compreensão do movimento ontológico da *physis*.

A técnica procede referida pela forma de compreensão categorial dos entes à disposição, dentro daquilo que está voltado para a sua finalidade produtiva. Na forma da *techné*, os entes naturais são endereçados não como eles são em si mesmos, mas em termos de como eles podem ser apropriados na produção de algo pela *techné*. Porém, Brogan chama a atenção para o caráter derivado da *techné*, visto que sua capacidade de produzir entes não é natural, estando baseada numa familiaridade originária e pressuposta do

ser dos entes naturais. A *techné* pressupõe um contato com o ser dos entes, ou seja, com a *physis*. Ela pressupõe o desvelamento. Ainda, essa técnica não está interessada pelo ser dos entes, mas por como estes entes poderão ser usados por ela. A intenção de Brogan, ao pôr em discussão o fato de que os entes naturais são em si mesmo aquilo *que torna a techné possível*, lança-nos em outro nível de consideração: a questão da *ousia*, pensamento central da filosofia de Aristóteles, como o horizonte de interpretação do ser da *physis*.

Segundo Heidegger, explica Brogan, Aristóteles parte da afirmação sobre a situação pré-ontológica da *kinésis* como sendo a forma de ser dos entes naturais. O pressuposto é que, guiados por uma análise fenomenológica dos entes naturais e pela compreensão ordinária dos entes por meio da técnica, nós alcançamos o sentido central do ser, que é a *ousia*. Assim, a *ousia* é o sentido unificador do ser, da qual depende a compreensão da estrutura dos entes. É nessa ambiguidade que se esconde a diferença ontológica que foi esquecida pela metafísica, e é essa diferença que governa o horizonte de compreensão entre ser e entes no pensamento de Aristóteles. Tal instância está além do campo da prova ou da definição.

Isso posto, no horizonte dessa diferença, encontramos os limites de

um tipo de *lógos*, isto é, os limites do *lógos* da asserção proposicional. Não se chega a uma evidência do ser pelo caráter assertivo da afirmação proposicional, dado que esse tipo de *lógos* aparece apenas no horizonte da *techné*.

A principal questão era como resolver o *paradoxo* do movimento e da *ousia*, isto é, a questão de como os entes que são pela *ousia* podem ter a *kínésis* como sua forma de ser. Para resolvê-la, Brogan mostra que, conforme a interpretação de Heidegger, Aristóteles funda a solução inserindo uma única palavra no princípio de não contradição: *hama* (tempo). Ao mesmo tempo ser e não ser não são o mesmo. Por meio dessa palavra, Aristóteles é capaz de articular a estrutura do ser como mudança. Ele identifica um sentido ontológico de movimento através do tempo como um caminho necessário da presença dos entes naturais.

Adiante no livro, Brogan ressalta a posição de Heidegger de que Aristóteles diferencia ser e ente, indicando a diferença ontológica. Com efeito, é apenas colocando essa diferenciação que ele é capaz de pensar a mesmidade de um ser movente com o seu ser. Assim, compreende-se que um ente natural não é *physis*, mas um ente natural é na *physis*; e *physis* também não é um ente natural.

Aristóteles teria então aberto o caminho próprio para compreender-

mos a *physis* dos entes naturais. Seu método não é uma técnica, mas um método estritamente filosófico, visto que mostra que mudança é um caráter necessário do ser dos entes naturais, e nenhum caminho categorial de concepção da mudança pode chegar a esse mais profundo significado de *kínésis*.

O método de Aristóteles visa manter-se aberto à duplicidade da *physis* e à unidade que pertence a essa duplicidade. O *twofoldness* (*duplicidade*) do ser dos entes e o *twofoldness* (*duplicidade*) do próprio ser veio à luz por meio do *lógos*, no qual Aristóteles ancorou todo o percurso de seu pensamento.

Heidegger busca mostrar que, para Aristóteles, cada ato de pôr a si mesmo em presença é sempre um retirar-se da presença em direção à ausência ou não presença. Novamente, nas palavras de Brogan: “A duplicidade de *gênesis-stéresis* é a presença permanente, a *ousia* dos entes naturais” (p. 108). O não ser pertence juntamente com o ser, como o ser dos entes naturais. “Ocultamento e *stéresis* não estão banidos do ser” (idem). Esta compreensão final da duplicidade do ser (*twofoldness of being*) no seu sentido mais radical implica uma relação contraditória, isto é, não apenas multiplicidade no sentido de que o ser tem duas partes, mas uma compreensão do ser como essencialmente divisiva e “agonística”, para usar a palavra do autor. “Vir a ser

e queda estão reciprocamente unidos” (p. 109). Separação, individualização, multiplicidade são determinações dessa unidade original. Pensando como o múltiplo pode pertencer a um ente sem contradizer a unidade que caracteriza o ser dos entes, Aristóteles conclui que a mesmidade do ser e do uno não é uma mesmidade que acaba com a diferença, mas um pertencer conjuntamente (*belonging together*), uma multiplicidade que envolve uma transformação em outro que nunca é separado dos outros, tal que a unidade do ser é para ser entendida como um reunir-se na unidade, uma comunidade, uma relação originária. O ser difere em si mesmo em uma unidade que é dupla (*genesis-stéresis*).

O quarto capítulo enfoca o conceito de *dúnamis*. Nas leituras do livro *Theta* da Metafísica, Heidegger tenta ver a central importância ontológica da *dúnamis* na filosofia aristotélica, a partir da noção de “força”. Assim, contra uma longa tradição, para Heidegger, a potencialidade na filosofia de Aristóteles não é apenas uma característica accidental que pertence aos entes.

Para Heidegger, o primeiro contato que temos com a noção de força é quando algo bloqueia um acontecimento, no sentido de resistência. Ou seja, o que também ocorre na *dúnamis* é o não vir a ser (*not coming*

through), um não ser apto. Resistência invade o poder sobre os entes naturais e primeiramente em relação à *techné* humana. Esta *arché*, como referência estrutural que comporta esses dois sentidos da *dúnamis*, necessita ser entendida como um deixar-ser e um resistir, sendo assim a origem de uma relacionalidade ambígua (*a twofold relationality*), conforme Brogan. Há, assim, um sentido de oposição no coração da *dúnamis*, sendo ela uma mútua e agonística relação, num belo jogo de opostos de uma mesmidade (*kalos*). O retorno ao horizonte originário e radical da filosofia de Aristóteles é proposto por Heidegger ao negar que a separação entre existência e essência fora realizada pelo filósofo, pois há uma prioridade da questão do *how* (“como”), na ontologia aristotélica. Há um “como” que pertence a toda força, de tal forma que a questão do ser só pode ser posta a partir da questão do “como” (existência de um ente). Há um objetivo para a sua completude, um ser direcionado para o cumprimento da sua finalidade: a referência ao *telos* é inerente à própria constituição da *dúnamis*.

O sentido não categorial de *lógos* buscado por Aristóteles tem estreita relação com o significado mais originário de *dúnamis*. Na base do *lógos* são diferenciados múltiplos tipos de potência. Potências que têm o *lógos*

são distintas daquelas que são “sem *lógos*”. Aristóteles diferencia homens (*dúnamis meta logou*) dos outros entes (*dúnamis alogos*) pela *capacidade* que tem a *dúnamis meta logou* de abrir-se à relação com os contrários do ser, de estar aberto à duplicidade do ser (*twofoldness of being*).

O *lógos* humano tem uma forma de percepção que é unicamente humana, visto que se dirige ao múltiplo caráter do ser, estando aberto à dupla *arché* do ser, e é um “entre” que não pertence nem ao que percebe nem ao percebido, isto é, pertence a ambos, mas não de uma forma que acabe com a diferença entre eles. Questionar esse lugar, diz Brogan, para Heidegger, preparar-nos-ia para compreender que nós somos fundamentalmente *atopos*, incapazes de estarmos em casa em qualquer lugar. Assim, cabe ressaltar a interpretação de Heidegger, para quem a filosofia de Aristóteles procura pensar o *dúplice* caráter do ser sem negar a unidade que caracteriza o ser. O existente humano pode alcançar esse múltiplo caráter do ser à medida que o seu *lógos* (que é em si mesmo um duplo *lógos*) permaneça no “entre” que é aberto no espaço dessa duplicidade de ser e entes.

O capítulo final do livro tem como tema a análise da leitura de Heidegger sobre a ética nicomaqueia. A linha central da explanação de

Brogan visa mostrar como a *Ética a Nicômaco*, de Aristóteles, é uma ontologia do ser-aí humano, o que remete à gênese da analítica do ser-aí como foi apresentada por Heidegger em *Ser e tempo*. Brogan faz referência à segunda seção de *Ser e tempo* que, especificamente, indica ser a resolução em face de seu próprio ser (o abrir-se para o seu ser mais próprio) a base para um relacionamento livre com outros entes distintos de nós mesmos. Com base nessa perspectiva, Brogan é levado a afirmar:

A meu ver, a filosofia prática de Heidegger é fundada em *Ser e tempo*, que como a ética nicomaqueia de Aristóteles se enraíza em um *insight* essencial dentro da inseparabilidade de ontologia e ética. (p. 148)

Partindo daí, o autor mostra que *Ser e tempo*, principalmente na segunda seção que trata do ser-para-a-morte, não postula que o autêntico sentido de ser humano seja solipsista e isolado do envolvimento prático com outros, mas abre para um novo sentido de autenticidade que dá provimento a uma nova fundação para a compreensão de comunidade humana:

A comunidade entre tais entes é tal que não aspira ao fechamento e é tal que nela há sempre uma falta de totalidade. A comunidade do

ser-ai nunca é sem uma relação com o que está fora, com a alteridade. [...] Ser-para-a-morte ensina-nos a não nos fecharmos em nós mesmos. (p. 156-157)

Brogan conclui com uma citação de Heidegger:

Como uma possibilidade não relacional, a morte individualiza, mas somente enquanto possibilidade insuperável, para tornar o Dasein como ser-com compreensivo para o poder-ser-com-outros. (p. 157)¹

Neste último capítulo, Brogan visa mostrar como a duplicidade do ser (*twofoldness of being*) é evidente na discussão e interpretação de Heidegger da *alétheia*, no livro VI da *Ética a Nicômaco*. Também busca evidenciar a inadequação da divisão filosófica usual entre a filosofia teórica e prática, provinda tipicamente da leitura de Aristóteles como um metafísico. A tarefa do capítulo é explanar acerca do sentido primário de verdade e não verdade, que é o chão de possibilidade para veracidade e falsidade do discurso apofântico da asserção e da

proposição.

Na *gênesis* – o movimento do *eidos* do não ser para o ser – um ente vem à presença e sustenta a si mesmo em seu ser enquanto ele é. Assim, Aristóteles diz dos entes naturais “que eles resistem como tais enquanto sua *gênesis* é também ausência de mudança em consideração ao não ser (*Física* 230 a10, b11). A duplicidade de *gênesis* e *stéresis* é a presença permanente dos entes. O ser dos entes é um repentino emergir da não verdade ou velamento na verdade. [...] Mas desvelamento, a emergência e ser de um ente, sempre permanece em relação e em oposição ao velamento. Esses opostos não se excluem mutuamente, mas concedem o desvelamento dos entes. *Alétheia*, verdade, pertence ao ser e é uma forma de ser porque o existente humano permanece essencialmente relacionado com o caráter duplo do ser. Esse desvelamento originário, a unidade do “ver” e ser, é a base para o *lógos* da asserção e da proposição lógica. (p. 187)

A obra de Brogan oferece uma exposição da interpretação fenomenológica de Aristóteles realizada por Heidegger, e dessa forma reconhece seu débito para com o pensamento deste e igualmente mostra a pertinência da temática abordada em *Ser*

¹ Heidegger, Martin. *Sein und Zeit*. Tübingen: Max Niemeyer, 1972. p. 264 *apud* Brogan, Walter. *Heidegger and Aristotle: The twofoldness of Being*. Albany: State University of New York Press, 2005.

e tempo em relação a uma adequada interpretação do pensamento do Estagirita. Esse itinerário favorece o questionamento da crença comum de que Heidegger vê a sua filosofia como uma tentativa de recuperar o esquecimento do ser, que teria começado com

a distorção aristotélica do pensamento grego originário, mostrando que as considerações de Heidegger vão no sentido de ter sido Aristóteles aquele que levou o pensamento grego ao seu ápice e a fulgurar no mais intenso brilho.

